



A VARIAÇÃO /l/ DIANTE DE /i/ NA ESCOLA

Carla Garcia Medeiros

Universidade Federal do Pará, <https://orcid.org/0000-0002-0988-9227>,
carlagarcia81428@gmail.com

Resumo

O artigo em questão aborda a variação do som /l/ diante da vogal /i/ no contexto escolar. O presente trabalho objetiva analisar o fenômeno linguístico da variação da palatalização de /l/ diante de /i/ no *corpus* em seus diminutivos. Esse fenômeno linguístico ocorre devido à influência na representação do som /l/ em palavras que contêm a vogal /i/. A dificuldade na interpretação desse som pode ser atribuída a diversos fatores, e o trabalho visa desenvolver uma análise diafásica conforme os graus de escolaridade. Os objetivos estabelecidos focaram no processo linguístico da variação dessa palatalização, analisando o *corpus* com base em seus diminutivos. A pesquisa foi aplicada nas escolas Dr. Celso Malcher e Prof. Virgílio Libonati, envolvendo turmas do 5º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e 1º ano do ensino médio, localizadas no município de Belém - PA. Isso permitiu a coleta de informações e a realização de pesquisa bibliográfica. Assim, a variação estudada requer uma abordagem consciente no ensino, com práticas de ortografia e consideração da influência da fala no ambiente escolar.

Palavras-chaves: Palatalização; Ortografia; Variação.

Abstract

The article in question addresses the variation of the sound /l/ in relation to the vowel /i/ in the school context. The present work aims to analyze the linguistic phenomenon of the variation in the palatalization of /l/ in front of /i/ in the *corpus* in its diminutives. This linguistic phenomenon occurs due to the influence on the representation of the sound /l/ in words that contain the vowel /i/. The difficulty in interpreting this sound can be attributed to several factors, and the work aims to develop a diaphasic analysis according to levels of education. The established objectives focused on the linguistic process of variation in this palatalization, analyzing the *corpus* based on its diminutives. The research was applied at the Dr. Celso Malcher and Prof. schools. Virgílio Libonati, involving classes from the 5th, 8th, 9th year of elementary school and 1st year of high school, located in the city of Belém - PA. This allowed the collection of information and the carrying out of bibliographical research. Thus, the variation studied requires a conscious approach to teaching, with spelling practices and consideration of the influence of speech in the school environment.

Keywords: Palatalization; Orthography; Variation.

1 Introdução

A inspiração para este estudo reside na relevância de representar o conjunto de palavras no diminutivo, focando na variação do /l/ em posição anterior ao /i/, junto aos estudantes do 5º, 8º, 9º ano do ensino fundamental e do 1º ano do ensino médio. O propósito é avaliar se essa variação linguística impacta a escrita dos alunos, refletindo sobre a realidade educacional em que estão inseridos, no contexto do processo de ensino



e aprendizagem.

Nesse sentido, para a sociolinguística, interessa estudar a comunidade de fala e escrita não o indivíduo, porque é necessário observar o comportamento social da comunidade. Coelho et al. (2015, p. 16) afirmam que “variação linguística é o processo pelo qual duas formas podem ocorrer no mesmo contexto com o mesmo valor referencial/representacional, isto é, com o mesmo significado”.

Desse modo, a problemática denota-se em frente aos fatores sociais e estruturais de ensino. Nessa perspectiva, o presente trabalho objetiva analisar o fenômeno linguístico da variação da palatalização de /l/ diante de /i/ no corpus em seus diminutivos.

O método utilizado no desenvolvimento deste trabalho partiu inicialmente de uma revisão da literatura, pois é um processo que envolve a leitura e análise de textos relevantes sobre o que se deseja pesquisar, e em seguida foi apresentado o tema da palatalização explicando como esse processo ocorre no cotidiano atual, levando em consideração o desenvolvimento educacional dos alunos.

2 Metodologia

Para aprofundar o conhecimento sobre o fenômeno estudado, esta pesquisa adotou uma abordagem qualitativa. A escolha por este método se justifica pela necessidade de compreender em profundidade o significado e as nuances do fenômeno, indo além de uma mera descrição ou registro de fatos. Conforme Silva (2015, p. 19), “pesquisar qualitativamente é não abrir mão da observação, análise, descrição e compreensão do fenômeno a fim de entender seu significado, pois só é possível construir hipóteses após a observação”.

Além disso, o método científico quantitativo foi utilizado para uma abordagem numérica acerca do objeto de estudo, ou seja, quando se busca quantificar as informações e opiniões colhidas podendo transformá-las em estatísticas. “Esse tipo de pesquisa é muito utilizado quando se busca enfatizar o raciocínio lógico, bem como validar hipóteses através de resultados quantitativos” (MINAYO, 1993, p. 65).

As etapas desta pesquisa compreenderam em: identificação do problema investigado, formulação das perguntas de pesquisa para orientação na coleta de dados (palavras no diminutivo), determinação do público-alvo (participantes com base em



critérios relevantes para o estudo), escolha dos instrumentos de coleta de dados (perguntas/questionário), distribuição dos questionários para a amostra selecionada, recolhimento das informações quantitativas, armazenamento dos dados em um formato adequado para análise (gráficos estatísticos), análise dos dados coletados e, por fim, a análise qualitativa (temas e estudos relevantes para o trabalho).

3 Resultados e Discussão

Na evolução do latim ao português, o sistema consonantal passou por alguns processos fonológicos, muitos deles similares aos que ocorrem na aquisição da linguagem oral e escrita. No sistema consonantal do latim clássico não havia consoantes palatais, /ʎ, ɲ, ʒ, ʒ/, segmentos que surgiram a partir de processos ocorridos durante a evolução do latim ao português. Dentre eles, têm-se os que envolvem o surgimento da líquida palatal /ʎ/, consoante que suscita discussões sobre seu status fonológico e que, por seu comportamento peculiar, é considerada complexa por autores como Matzenauer-Hermandorena (1994) e Wetzels (1997).

O fenômeno da palatalização no português brasileiro (PB) é fonológico com origem no Latim, tendo como características a mudança no ponto e modo de sua articulação adquirindo articulação secundária palatal ou alterando seu ponto de articulação primária para a região palatal ou proximidades, contando perante a influência de uma vogal anterior próxima.

Camara Jr. (1984) considera que a palatalização, analisada a partir do aspecto articulatorio, na mudança fonética ocorrida devido a alargamento da zona de articulação na produção de uma consoante, em consequência do desdobramento da parte média da língua no palato médio. No PB a palatalização é alofônica, ou seja, são sons da fala que constituem uma variante ou realização fonética de um mesmo fonema, esse processo decorre de um fato por assimilação por um dado som influenciar um som vizinho.

Ainda sobre o processo de palatalização Cristófaró diz: “A consoante que apresenta a propriedade secundária da palatalização apresenta um efeito auditivo de sequência de consoantes seguidas de vogal i. A palatalização geralmente ocorre quando uma consoante é seguida de vogais anteriores i, e, é (orais ou nasais)”. (CRISTOFARO, 2003)



Ao entrar em contato com a vogal /i/, que também é chamada de palatal por ter sua pronúncia na região mais alta do céu da boca, a consoante lateral alveolar /l/ apresenta alofone palatalizado. A palatalização de /l/ diante de /i/ neutraliza a oposição entre /l/ e /ʎ/, tornando foneticamente equivalentes as formas no diminutivo. Em caso de despalatalização, ocorre uma transformação de um fonema palatal em não palatal, no entanto, a passagem da lateral palatal [ʎ] na alveolar [l], já a palatalização é de ordem contrária.

O fenômeno da palatalização encontra-se bastante recorrente na região paraense. De acordo com Oliveira (2007) a variação do /l/ acontece de acordo com os fatores sociais, tais como: sexo, espaço geográfico, escolaridade, além dos aspectos populacionais e o contexto que estão envolvidos também, uns motivos mais recorrentes que outros. Além disso, o /l/ comportando-se de forma diminutiva muda seu ponto de articulação se tornando palatal.

Dessa forma, este estudo se configura como um importante avanço na investigação da variação linguística no Pará, contribuindo para um melhor entendimento dos processos fonológicos que ocorrem na fala dos paraenses. Os resultados obtidos podem servir de base para futuras pesquisas que explorem outras variáveis linguísticas e sociais que influenciam a pronúncia de /l/ diante de /i/ em diferentes contextos e regiões do estado.

No levantamento referente às pesquisas realizadas no ano de 2009 e 2016, constatou-se haver no Pará somente duas pesquisas relacionadas a variação de /l/ diante de /i/, mas com foco voltado para outras análises sociolinguísticas. Nesse viés, este trabalho apresenta grande relevância, pois envolve aspectos linguísticos e educacionais cruciais para o desenvolvimento da competência escrita dos alunos.

Essa variação ocorre quando os estudantes enfrentam desafios ao transcreverem palavras que contêm o fonema /l/ seguido do fonema /i/ em diferentes contextos ortográficos.

Quadro 01: Sintético levantamento bibliográfico acerca do estudo da variação /l/ diante /i/.



ORIGEM DOS DADOS		AUTOR(ES)	INFORMAÇÕES METODOLÓGICAS E OUTROS	RESULTADOS E CONCLUSÕES
REGIÃO	ESTADO			
Norte	PA	OLIVEIRA, LIMA e RAZKY (2016)	O estudo mapeia a variação do som /l/ nas 25 capitais do Brasil, analisando 1.725 ocorrências na fala de 200 pessoas. Usando o GoldVarb, avaliou-se a influência de fatores geossociolinguísticos nas variantes [l] e [λ].	Os resultados indicam que a localização (capitais) influência mais que fatores sociais (sexo, idade, escolaridade) na palatalização de /l/. A palatalização é comum no Brasil, com uso expressivo no Norte, resistência no Nordeste e uso intermediário no Sul, Sudeste e Centro-oeste.
Norte	PA	OLIVEIRA, (2016)	A coleta de dados visou criar um corpus representativo do falar local, utilizando 36 informantes de Itaituba, número justificado pela extensão e população da cidade.	As variáveis sociais, especificamente escolaridade e sexo, têm grande influência na variação de /l/, conforme confirmado por análise cruzada, destacando a importância dos fatores sociais no fenômeno estudado.
Norte	PA	OLIVEIRA, RAZKY, SILVA e COSTA (2009)	O corpus da pesquisa foi delimitado transcrevendo todos os dados do QFF e selecionando os contextos com a variável /l/, que variava apenas antes de contextos altos, especificamente /l/ diante de [i j].	O procedimento é justificado pela ocorrência restrita de /l/, que impõe limitações, tornando necessário um questionário com muitos vocábulos no contexto analisado.

Fonte: Produzido pela autora, 2023.

Os estudantes vêm de diferentes origens geográficas e culturais, e é natural que tragam consigo diferentes sotaques e padrões de fala, uma das razões pelas quais essa variação é relevante, é porque reflete as dificuldades enfrentadas pelos alunos na aquisição da escrita formal da língua portuguesa. O fato de que a combinação dos fonemas /l/ e /i/ podem ser representadas por diferentes grafias (como "li", "lh", "lh + vogal", "ll" em algumas palavras) pode gerar confusão e erros ortográficos.

Os professores podem adotar abordagens pedagógicas que valorizem o processo de aprendizagem, levando em consideração os erros ortográficos decorrentes dessa variação como oportunidades de ensino. Oferecer um feedback construtivo, orientando os estudantes a identificarem e corrigir os erros, é essencial para promover a melhoria contínua e a motivação dos alunos em relação à escrita.



Portanto, compreender e abordar essas variações é fundamental para auxiliar os alunos a desenvolverem habilidades de escrita mais precisas e consistentes. Assim, identificar as dificuldades ortográficas enfrentadas pelos alunos poderá contribuir com a melhoria do ensino da língua portuguesa, a personalização das estratégias pedagógicas e a avaliação formativa, promovendo uma escrita mais correta e eficaz.

As escolas pesquisadas

A escola técnica Dr. Celso Malcher, foi a primeira colocada no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2021, na Região Metropolitana de Belém, e a sexta no Pará com nota 4.6, entre as escolas públicas estaduais e federais. O Ideb avalia a evolução da aprendizagem no país, com base no desempenho dos alunos nas disciplinas de português e matemática.

Inaugurada em 2018, a escola Dr. Celso Malcher desenvolve suas atividades utilizando um sistema de aprendizado científico, o STEM, que significa Science, Technology, Engineering and Mathematics (Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), um tipo de metodologia que integra as disciplinas educacionais. Trata-se de um conceito inovador de educação, os programas de aprendizados baseados neste modelo propõem aumentar o interesse dos alunos para seguirem carreiras nessas áreas. É uma forma de aprendizado que combina o ensino tradicional em sala com atividades digitais e práticas, para que os alunos tenham diferentes experiências no aprendizado e na resolução de problemas.

A instituição técnica oferece ensino médio integrado com cursos técnicos como administração, alimentos, informática, informática para internet, meio ambiente e segurança do trabalho, com turmas nos turnos da manhã e da tarde. Os alunos contam ainda com atividades de reforço para o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), além de Cursos de Formação Inicial e Continuada (FIC), como introdução de geração de energia solar, biossegurança e lógica de programação.

Na Escola Prof. Virgílio Libonati, localizada dentro do campus da UFRA - Belém, foi implantada pela então Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP) em 1984, em virtude da carência de escolas no Bairro da Terra Firme, a FCAP elaborou um plano de Trabalho Pedagógico em Educação Básica.

O prédio para funcionamento da escola foi construído, então, nas instalações



da Faculdade, a ação educacional era de responsabilidade da FCAP e buscava atender, principalmente, aos filhos de funcionários da instituição. Em 1990 a Faculdade firmou contrato de comodato com a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC) e a escola passou a ser administrada por funcionários da Secretaria, atendendo então a toda a comunidade do bairro.

O início da aplicação da pesquisa nas escolas

A pesquisa iniciou-se com a escolha entre as escolas no bairro do Guamá e redondeza, da UFPA, com isso foi definido a primeira escolha da escola EETEP Dr. Celso Malcher, pois ela está localizada no interior da UFPA a qual possibilitou fácil acesso para aplicação da pesquisa. Na escola Dr. Celso Malcher foi praticada a pesquisa na turma do primeiro ano do ensino médio técnico em logística. A recepção ao chegar na escola partiu inicialmente do professor e coordenador do curso de administração Andrey Rabelo, o qual dialogou com os pesquisadores sobre os cuidados na realização da pesquisa, precauções que se não seguidas podem afetar o psicológico e as atitudes dos alunos.

A escola Dr. Celso Malcher, está localizada dentro do Parque de Ciência e Tecnologia Guamá (PCT Guamá), cujo objetivo é estimular a pesquisa aplicada, o empreendedorismo inovador, a prestação de serviços e a transferência de tecnologia para o desenvolvimento de produtos e serviços de maior valor agregado e fortemente competitivos.

Surgiu juridicamente através da Portaria nº 107/2002-GS, assinada pela então Secretária Executiva de Educação Maria Isabel Castro Amazonas, publicada em fevereiro de 2002. Inexistindo lugar próprio para o funcionamento da escola, foi então locado pela administração estadual, um prédio provisório, situado à rua Dr. Celso Malcher nº 920, no bairro da Terra Firme.

A partir de 2002, a escola passou a oferecer um espaço especializado para o atendimento de estudantes com deficiência, contribuindo para a garantia do direito à educação de todos. A história da escola é marcada pela luta por recursos, pela busca por melhorias nas condições de ensino e pela valorização da diversidade.



Imagem 01: Frente externa da EETEPA Dr. Celso Malcher.



Fonte: Google Maps, 2023.

Ao finalizar a conversa com o coordenador da escola Dr. Celso Malcher, foi orientado que haveria uma escola de ensino fundamental dentro da Universidade Federal da Amazônia – UFRA, logo o grupo de pesquisa se encaminhou em direção a universidade. Chegando à escola Prof. Virgílio Libonati, o grupo foi recepcionado pela secretaria, a qual orientou os dias e horários disponíveis para aplicação da pesquisa.

A escola Prof. Virgílio Libonati, foi implantada pela Faculdade de Ciências Agrárias do Pará (FCAP) e elaborou um plano de trabalho pedagógico em educação básica, em 1984, em virtude da carência de escolas no bairro Terra Firme. Em 1990 a faculdade firmou o contrato de comodato com a Secretaria de Estado de Educação (SEDUC), atendendo então a toda a comunidade do bairro.

Ao chegar na escola, o grupo de pesquisa foi recebido pela coordenadora escolar, a qual buscou entender o propósito da pesquisa e de qual forma seria aplicada. Logo, entrou em contato com a direção, a qual recebeu o grupo de pesquisa com tamanha satisfação, procurando conhecer cada integrante do grupo e ainda compartilhou as



dificuldades que a educação básica anda enfrentando neste período pós-pandemia.

Imagem 02: Frente externa da E.E.E.F. Prof.º Virgílio Libonati.



Fonte: Google Maps, 2023.

Na escola Prof. Virgílio Libonati foi praticada a pesquisa nas turmas do 5º, 8º e 9º ano do ensino fundamental. As turmas receberam os pesquisadores com muita alegria e entusiasmo, pois estavam curiosos com a pesquisa e do que se tratava. Os professores responsáveis por cada turma, iniciaram a interação fazendo perguntas estimulantes e encorajadoras, demonstrando curiosidade e abertura para a pesquisa.

Eles mostraram interesse pela área pesquisada e abordada pelo grupo, com um diálogo construtivo e enriquecedor, permitiu que os membros do grupo de pesquisa se sentissem valorizados e motivados a compartilhar seu trabalho. Os professores também aproveitaram a oportunidade para compartilhar sua própria experiência e conhecimento relacionados ao tema da pesquisa. Essa troca de conhecimentos e perspectivas fortalece a relação entre os pesquisadores e os professores, criando um ambiente de aprendizado mais colaborativo. No final da coleta, fica evidente que os professores estão comprometidos em fornecer um ambiente estimulante e acolhedor para os grupos de pesquisa acadêmica.

O questionário aplicado

O questionário teve como principal objetivo obter dos alunos o diminutivo das palavras galinha, coelho, vela, velho (a), sandália, toalha, folha, bola, ovelha e galho tendo como centro o /l/ diante de /i/, com o objetivo de avaliar se os alunos saberiam usar



adequadamente o /l/ ou o /lh/. Julgou-se ter essas expressões como principais, pois é onde se nota mais a ocorrência da palatalização. O questionário foi composto por dez perguntas:

Quadro 03: Perguntas e respostas utilizadas na pesquisa.

Nº	PERGUNTA	RESPOSTA	Suporte Imagético
01	Quando essa ave é pequena?	galinhinha	Imagem de uma galinha pequena
02	Quando esse animal ainda é um bebê?	coelhinho	Imagem de um coelho bebê
03	Quando ela está quase acabando, como chamamos?	velinha	Imagem de uma vela quase acabando
04	Quando ela é pequenininha, como chamamos?	velhinho(a)	Imagem de uma pessoa idosa pequena
05	Quando é para uma criança?	sandalinha	Imagem de uma sandália infantil
06	Para soar o nariz, qual nós utilizamos?	toalhinha	Imagem de uma toalha pequena
07	Quando ela é pequena?	folhinha	Imagem de uma folha pequena
08	Quando ela está quase seca, como chamamos?	bolinha	Imagem de uma bola quase
09	Quando é um filhote, chamamos como?	ovelhinha	Imagem de um filhote de ovelha
10	Quando é pequeno?	galhinho	Imagem de um galho pequeno

Fonte: Produzido pela autora, 2023.

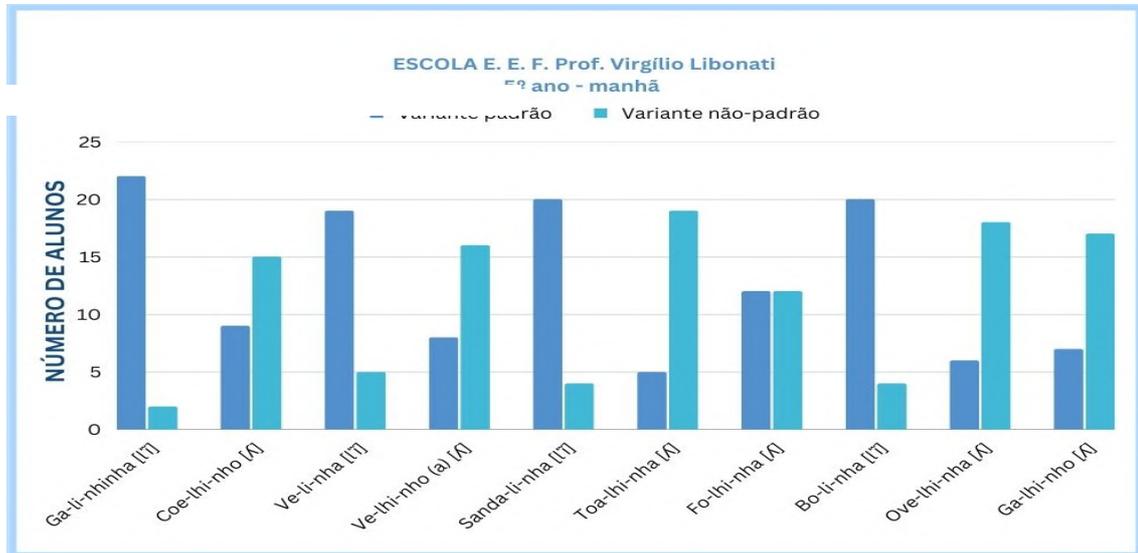
Apresentação e discussão dos resultados

Em relação ao questionário aplicado na turma do 5º ano da escola Prof. Virgílio Libonati, através das respostas obtidas acerca da variação de l diante de i, (Gráfico 1), evidenciou-se que a maioria dos entrevistados possuía nível de compreensão considerável sobre os vocábulos propostos, observando atentamente para os vocábulos ‘coelhinho’ [kwe.ʎĩ.nu], ‘velhinho’ [ve.ʎĩ.nu], ‘toalhinha’ [to. a.ʎĩ.na], ovelhinha [o.ve.ʎĩ.na] e ‘galhinho’ [ga.ʎĩ.nu], as quais são consideradas nestas formas, variantes padrão da língua portuguesa, deixando visível a dificuldade dos alunos de distinguir os fonemas /l/ e /ʎ/.

As laterais estão presentes em diversas palavras e possuem uma articulação mais simples, a lateral alveolar vozeada /l/ é produzida com o estado da glote fechada com o véu palatino levantado, quando a ponta da língua toca levemente a parte superior da boca, logo atrás dos dentes superiores. A lateral palatal vozeada /ʎ/, se posiciona na região final do palato duro, com o estado da glote fechada com o véu palatino levantado.



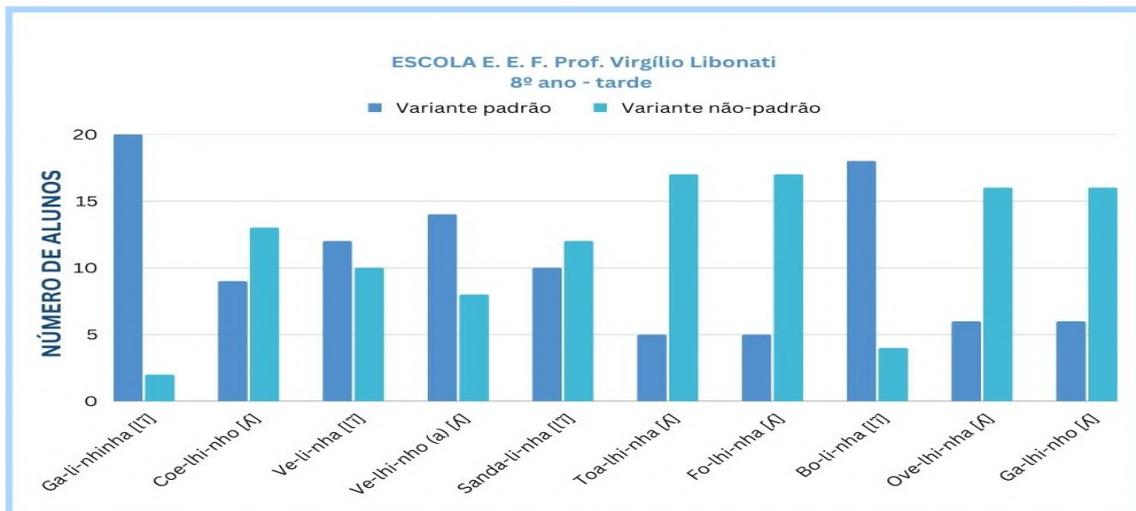
Gráfico 01: Nível de escrita ortográfica de acordo com o vocabulário apresentado abaixo, dos alunos do 5º ano da EEEF Prof. Virgílio Libonati, UFRA, Belém, PA.



Fonte: Produzido pela autora.

Assim, observa-se no gráfico 01, que os alunos desta turma, indicam um nível mais frequente do uso na escrita ortográfica a lateral alveolar vozeada /l/, revelando uma dificuldade na associação entre as variantes apresentadas na pesquisa.

Gráfico 02: Nível de escrita ortográfica de acordo com o vocabulário apresentado abaixo, dos alunos do 8º ano da EEEF Prof. Virgílio Libonati, UFRA, Belém, PA.

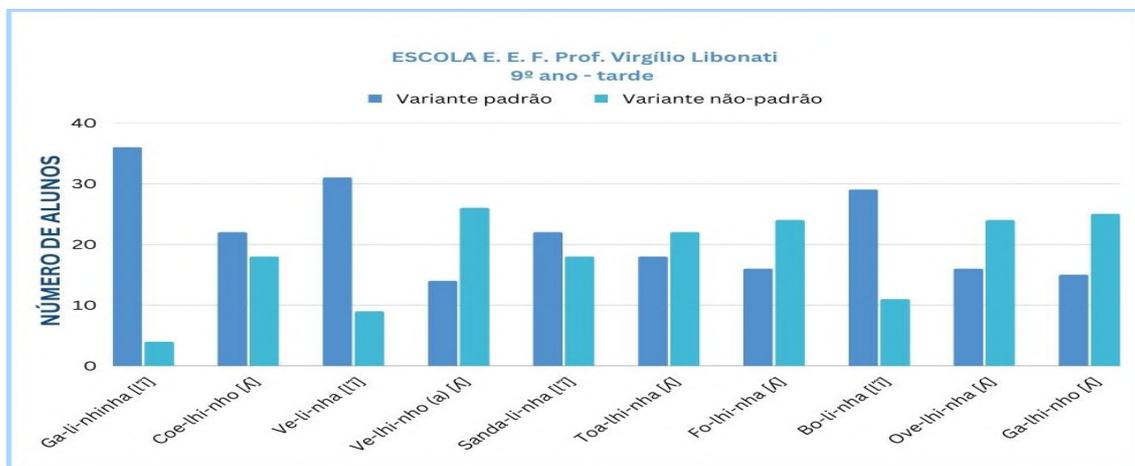


Fonte: Produzido pela autora, 2023.



No gráfico 02, verifica-se que os alunos tendem a ter a mesma dificuldade que os alunos do 5º ano, a de distinguir os fonemas /l/ e /ʎ/ diante de /i/. O nível de escritas na variante não-padrão é mais elevado nos vocábulos ‘toalhinha’ [to. a.ʎĩ ña], ‘folhinha’ [fo.ʎĩ.ña], ovelhinha [o.ve.ʎĩ ña] e ‘galhinho’ [ga.ʎĩ.ɲu]. É importante destacar o nível elevado da variante padrão, diante do vocábulo ‘galinhinha’ [ga.lĩ.ɲi.ña], pois é um vocábulo frequentemente empregado no ensino da alfabetização, o que pode ter facilitado a percepção entre o oral e a escrita dos alunos.

Gráfico 03: Nível de escrita ortográfica de acordo com o vocabulário apresentado abaixo, dos alunos do 9º ano da EEEF Prof. Virgílio Libonati, UFRA, Belém, PA.



Fonte: Produzido pela autora.

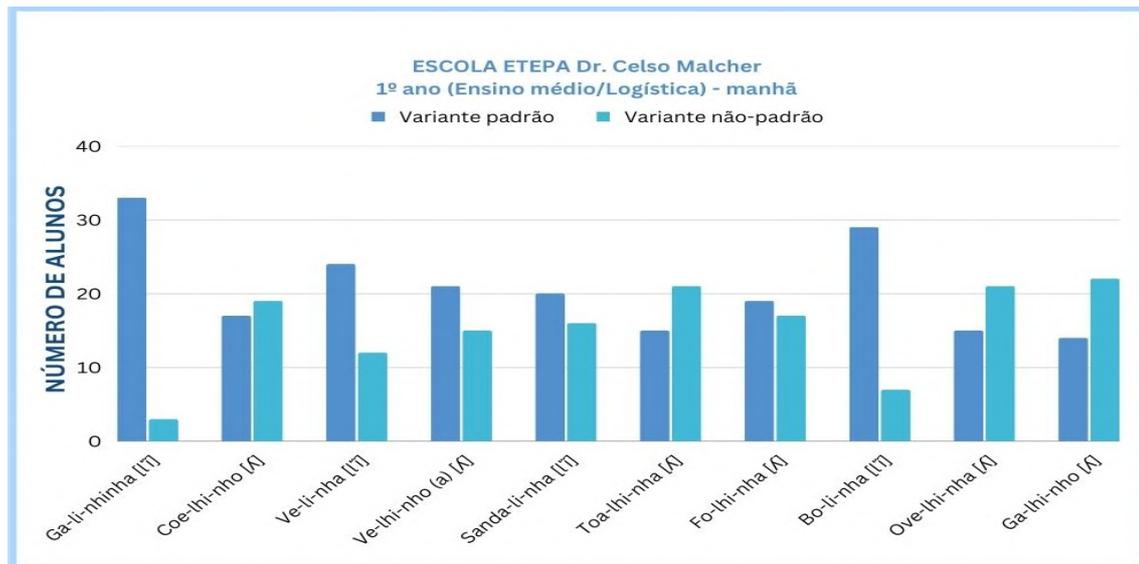
Em análise ao gráfico 03, os resultados da pesquisa revelaram uma divisão clara na turma em termos de compreensão da variação do fonema /l/ diante de /i/. Metade da turma demonstrou um bom entendimento desse fenômeno linguístico, enquanto a outra metade enfrentou dificuldades em assimilar essa variação.

Em questão ao gráfico 04, a pesquisa mostra que se tem níveis parcialmente equilibrados de compreensão sobre a variante padrão, apresentando um domínio entre as variações, contudo, vale ressaltar que os níveis apontam percentuais parciais não equilibrados, o qual remete as implicações desse resultado, destacando a importância de estratégias de ensino diferenciadas e de um ambiente



inclusivo para promover a compreensão e o domínio dos conceitos linguísticos por todos os alunos.

Gráfico 04: Nível de escrita ortográfica de acordo com o vocabulário apresentado abaixo, dos alunos do 1º ano – Ensino Médio da ETEPA Dr. Celso Malcher, UFPA, Belém, PA.



Fonte: Produzido pela autora.

Estes resultados implicam em várias possíveis razões para a divergência nos resultados obtidos na pesquisa, uma explicação pode estar relacionada ao nível de proficiência linguística dos alunos, os alunos com maior exposição à língua, prática e familiaridade com o fenômeno da variação fonética provavelmente terão mais facilidade em compreendê-lo na oralidade e na escrita.

Além disso, o papel do ambiente linguístico é relevante para o ensino-aprendizagem, pois, alunos que falam dialetos ou possuem sotaques distintos podem ter mais familiaridade com a variação de /l/ diante de /i/ em seu próprio contexto linguístico, enquanto outros podem ter sido expostos a padrões diferentes, também outro fator que pode influenciar a compreensão é a qualidade do ensino recebido pelos alunos. Uma metodologia de ensino eficaz, que aborde de maneira clara e sistemática os conceitos linguísticos, é fundamental para que os alunos possam assimilar e compreender a variação fonética de forma adequada.

Logo abaixo nos gráficos 05 e 06, apresentam-se resultados do total de número de alunos que escreveram ortograficamente as variantes apresentadas com /l/ e

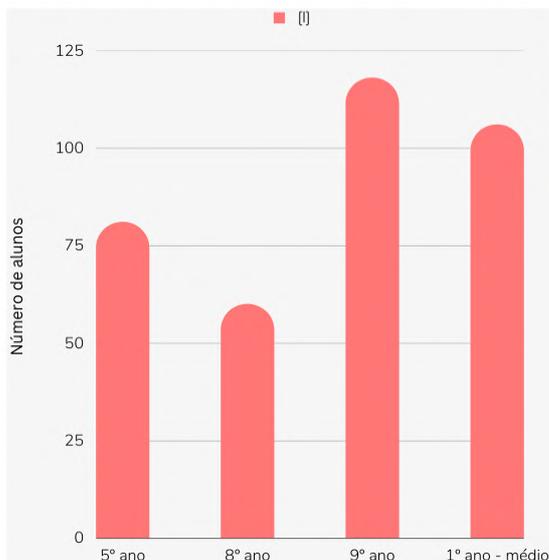


/ʎ/ diante do fonema /i/, de acordo com o gráfico 05, os alunos tendem a utilizar com mais frequência na escrita ortográfica a palatal /l/ do que /ʎ/.

Gráfico 05: Nível de frequência da variante [l] na escrita ortográfica dos alunos do 5º, 8º, 9º e 1º ano - médio.

VARIANTE LINGUÍSTICA [l]

Presença de [l] diante de [i] na ortografia dos alunos.

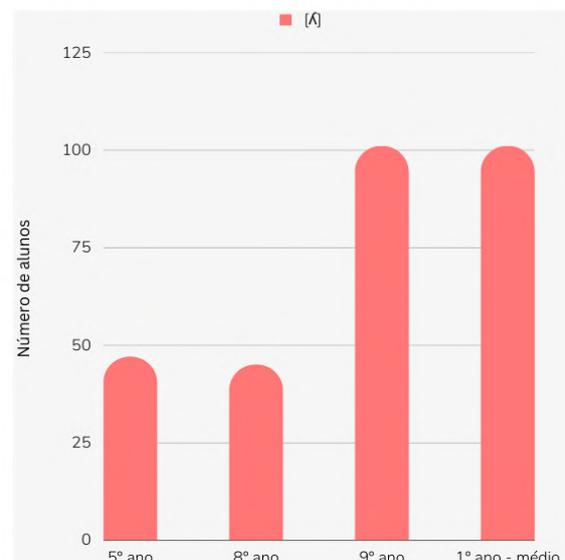


Fonte: Produzido pela autora, 2023.

Gráfico 06: Nível de frequência da variante [ʎ] na escrita ortográfica dos alunos do 5º, 8º, 9º e 1º ano - médio.

VARIANTE LINGUÍSTICA [ʎ]

Presença de [ʎ] diante de [i] na ortografia dos alunos.



Fonte: Produzido pela autora, 2023.

Nos gráficos 05 e 06, observa-se que os níveis da utilização da palatal /ʎ/ é menor que a palatal /l/, nas turmas do 8º e 5º ano, já nas turmas do 9º e 1º ano do ensino médio, os níveis da utilização destas variantes são aproximadamente parciais, o que pode indicar uma diversidade regional nos padrões ortográficos ou possíveis desafios específicos enfrentados por essas turmas. Existem alguns fatores adicionais que possam influenciar a escrita dos alunos, como o uso frequente da palatal /l/ na região do Estado do Pará ou a familiaridade com a língua.

A análise dos dados pode auxiliar os educadores a identificar áreas específicas de melhoria na escrita dos alunos, é recomendável oferecer apoio adicional para aqueles que ainda têm dificuldades com estas variantes, seja por meio de atividades de prática específicas ou estratégias de ensino diferenciadas. É importante ressaltar que a análise aqui apresentada é baseada exclusivamente nos dados fornecidos em uma análise específica. Uma análise mais



completa exigiria uma investigação mais aprofundada dos padrões linguísticos regionais, da performance individual dos alunos e do contexto educacional em que essas turmas estão inseridas.

A pesquisa revelou uma divisão nas turmas em termos de compreensão das variações de /l/ diante de /i/, vários fatores podem influenciar na compreensão desta variação, é importante considerar o contexto sociolinguístico da região, onde existem variedades dialetais e sotaques presentes no Estado. Essas variações podem impactar a forma como os alunos percebem e assimilam a variação fonética.

Outro fator a considerar é a exposição dos alunos à língua padrão e aos recursos educacionais, pois aqueles que têm menos acesso a materiais didáticos de qualidade ou que não são expostos regularmente à língua padrão podem encontrar dificuldades em compreender a variação fonética. Para aqueles que tiveram dificuldades em compreender a variação de /l/ diante de /i/, é necessário desenvolver estratégias de ensino, como atividades práticas, exercícios de escuta e repetição, ou até mesmo a disponibilidade de recursos de aprendizado para reforçar o entendimento desses conceitos fonéticos.

Os professores também devem estar cientes das diferenças individuais dos alunos em relação à sua exposição prévia à linguagem e às variações fonéticas, isso permitirá que eles adaptem seu ensino de acordo, oferecendo explicações mais detalhadas, exemplos contextualizados no ambiente em que estão inseridos, fornecendo oportunidades de prática adequadas. Além disso, a criação de um ambiente de aprendizado inclusivo, onde os alunos se sintam à vontade para compartilhar suas dificuldades e receber apoio, é essencial, isso pode ser alcançado por meio de discussões em grupos na sala de aula.

4 Considerações Finais

No presente trabalho de pesquisa, mostrou-se bastante relevância em descrever a realidade escolar dos alunos de ensino fundamental e médio, pois o processo de aprendizagem deles é precário por conta dos métodos didáticos de leitura e escrita dos professores. Um mau ensino do letramento e a ortografia dos estudantes revela que mais adiante na sua educação a interpretação de algumas expressões é prejudicada, fazendo



com que o entendimento de determinada palavra ou frase seja de outras maneiras.

Dessa forma, o objetivo proposto foi explorar o processo linguístico da variação de /l/ diante de /i/, tendo como base as palavras no diminutivo de acordo com o grau de escolaridade do aluno, além de identificar se os professores contribuem para o ensino- aprendizagem dos mesmos e o fator de adequação à forma padrão ortográfico do português.

Os resultados alcançados evidenciaram que a variação ortográfica apresentada com /l/ e /ʎ/ diante de /i/ dependem do nível de escolaridade dos alunos e de fatores regionais. A pesquisa expôs que aqueles que não têm contato com materiais didáticos adequados para leitura e ortografia tendem a ter um entendimento das palavras impactadas.

Para melhorar a compreensão dos estudantes em relação á estas variações, os professores podem criar atividades práticas diárias de leitura, escuta e repetição, além de exercícios ortográficos com diferentes palavras para o estudante compreender a escrita, também com ditados diariamente para instigar o aluno à grafia da variação padrão do português.

Referências

COELHO, Izete Lehmkuhl et al. **Para conhecer sociolinguística**. São Paulo: Contexto, 2015.

CRISTÓFARO, Thais. **Fonética e fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios**. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

PATTO, Maria Helena Souza. **A produção do fracasso escolar: Histórias de submissão e rebeldia**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

OLIVEIRA, M. B. et al. **Imagens preliminares da realização variável de /l/ prevocálico no estado do Pará**. Signum: Estudos de Linguagem, n. 12, v. 1, p. 257-278, jul. 2009.

OLIVEIRA, M. B. **Palatalização de /l/: atuação de fatores sociais**. SIGNUM: Estud. Ling., Londrina, n. 19/2, p. 239-259, dez. 2016.



OLIVEIRA, M. B. **Palatalização de l diante de i no português brasileiro.** *Linguística*
Vol. 32-2, p. 63-72, dez. 2016.

PARQUE DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA GUAMÁ – PCT. Disponível
em: <http://pctguama.org.br/?p=183841&lang=pt>. Acesso em: 05 jun. 2023.